

**HERNY J. M. NOUWEN**

**O ESVAZIAMENTO DE CRISTO**  
**O MOVIMENTO DESCENDENTE DA VIDA ESPIRITUAL**

ÍNDICE

Prefácio .....	2
INTRODUÇÃO .....	3
I - O MOVIMENTO DESCENDENTE COMO VOCAÇÃO CRISTÃ .....	4
Movimento ascendente .....	5
Movimento descendente .....	6
A vida espiritual .....	9
II – A TENTAÇÃO: O ENGANO DO MOVIMENTO ASCENDENTE .....	19
A tentação de ser importante e influente .....	12
A tentação de impressionar .....	14
A tentação de ser poderoso .....	16
III – UM CORAÇÃO ESVAZIADO DE SI PRÓPRIO .....	19
A disciplina da Igreja .....	19
A disciplina do livro .....	21
A disciplina do coração .....	23
Conclusão .....	25

## PREFÁCIO

Um dos primeiros hinos cristãos descreve a humildade de Cristo que, embora fosse de «condição divina», não se apegou à sua igualdade com Deus, mas «*esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo*» (Fl 2,6-8). Mesmo na Igreja nascente, o auto-esvaziamento voluntário - de poder, estatuto e segurança - constituía uma poderosa tomada de posição contra a cultura vigente. Apresentava o caminho de Cristo em ousado contraste com os valores do Império, lançando um desafio a todos os seguidores de Cristo.

O «caminho do esvaziamento de Cristo» é o tema desta breve obra. Lendo estes capítulos, ficamos impressionados com o tom bastante duro e penitencial e com a grande ênfase que dá ao esvaziamento e o sacrifício pessoal que parece ofuscar qualquer sentimento de alegria e de festa e que também fazem parte do discipulado. Em certo sentido, porém, Nouwen está a falar da sua experiência - debatendo-se com o seu próprio coração inquieto e com a sua tendência de manter-se preso a um «eu» falso e carente. Descre a sua própria necessidade compulsiva «de ser visto, elogiado e admirado». Essa luta continuaria, mesmo depois da sua estadia entre os pobres da América Latina, da sua passagem pelo mosteiro trapista e da sua aceitação de um lugar de professor em Harvard Divinity School, que o acompanhará até ao fim da sua vida.

Um ponto de viragem, porém, deu-se em 1986, quando aceitou servir como pastor de uma comunidade L'Arche em Toronto. Aí, nos últimos dez anos da sua vida, viveu numa comunidade de adultos com deficiências mentais, que não podiam saber nada dos seus famosos livros ou da sua reputação como orador. Foi uma experiência de verdadeiro «movimento descendente», uma experiência que o fez entrar verdadeiramente no «esvaziamento de Cristo». Muitos destes mesmos temas aparecem nos seus últimos livros, mas neste de uma nova forma mais concreta, e com muita autenticidade. As suas reflexões tornaram-se mais profundas, graças à sua descoberta do que significa ser «amado por Deus».

Mais de uma década depois da sua morte, as suas palavras continuam a desafiar-nos e a iluminar-nos. Continuam a ajudar os seus leitores a libertarem-se dos valores de um mundo obcecado pela imagem, pelo poder e prestígio - não por amor à masoquista «autonegação», mas para que possamos descobrir, cada vez mais, a alegria e a liberdade da nossa verdadeira vida em Cristo.

ROBERT ELLSBERG

## INTRODUÇÃO

*O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, - isso vos anunciamos (1Jo 1,1-3)*

Esta passagem mostra, mais claramente do que qualquer outro texto do Novo Testamento, que a nossa vocação para o ministério cristão brota de uma experiência que envolve todo o nosso ser. O tema do nosso ministério é Jesus Cristo, a Palavra que estava com Deus desde o princípio e que se fez carne para viver no meio de nós (cf. Jo 1,1-14).

Ser cristão é dar testemunho desta Palavra, é revelar a presença desta Palavra tanto dentro de nós como no meio de nós ... contudo, não será um verdadeiro testemunho se não brotar de um encontro pessoal genuíno com Cristo. Só podemos chamar-nos testemunha quando o tivermos ouvido com os nossos próprios ouvidos, visto com os nossos próprios olhos e tocado com as nossas próprias mãos.

A missão dos doze apóstolos não se baseou em conhecimentos humanos, mas no facto de terem vivido com Jesus. Paulo não estava com Jesus enquanto Ele peregrinava acompanhado pelos seus discípulos, mas o encontrou na estrada de Damasco. Esta experiência constituiu para ele o fundamento sobre o qual erigiu todo o seu trabalho apostólico.

Nunca houve testemunho cristão que não tenha sido diretamente influenciado por uma experiência pessoal e íntima do Senhor. Este encontro profundo e pessoal pode assumir formas diferentes ... ter uma vida espiritual é viver em íntima comunhão com o Senhor. Fora disso, transforma-se em mera introspeção, numa rotina cansativa sem dinamismo criativo.

## 1 – O MOVIMENTO DESCENDENTE COMO VOCAÇÃO CRISTÃ

Numa das mais profundas orações jamais escritas, o apóstolo Paulo dirige-se aos cristãos de Éfeso: *«Que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai a quem pertence a glória, vos dê o Espírito de sabedoria e vo-lo revele, para o conhecerdes; sejam iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes que esperança nos vem do seu chamamento, que riqueza de glória contém a herança que Ele nos reserva entre os santos e como é extraordinariamente grande o seu poder para conosco, os crentes, de acordo com a eficácia da sua força poderosa, que eficazmente exerceu em Cristo: ressuscitou-o dos mortos e sentou-o à sua direita, no alto do Céu (Ef 1,17-20)*

Esta oração torna claro que a vida espiritual é uma vida guiada pelo mesmo Espírito que guiou Jesus Cristo. O Espírito é o sonho de Cristo em nós, o poder divino de Cristo ativo em nós, a fonte misteriosa da nova vitalidade pela qual tomamos consciência de que não somos nós que vivemos, mas é Cristo que vive em nós (cf. Gl 2,20).

De facto, levar uma vida espiritual significa tornarmo-nos Cristos vivos. Não é suficiente fazer todos os esforços para imitar Cristo; não é suficiente recordar Jesus aos outros; nem sequer sentirmo-nos inspirados pelas palavras e ações de Jesus Cristo. Não, a vida espiritual apresenta-nos uma exigência muito mais radical: ser Cristos vivos aqui e agora, no tempo e na história.

Nós nunca chegaremos a conhecer a nossa verdadeira vocação na vida, sem estarmos dispostos a aceitar esse apelo radical do Evangelho. Ao longo dos últimos vinte séculos, muitos cristãos ouviram este apelo e responderam-lhe num espírito de verdadeira obediência. Uns tornaram-se eremitas do deserto, ao passo que outros se tornaram servos na cidade. Uns partiram para terras distantes como pregadores, professores e médicos, ao passo que outros ficaram onde estavam e formaram a sua família, trabalhando fielmente. Uns tornaram-se famosos, enquanto outros continuaram desconhecidos. Embora as suas respostas revelem uma diversidade extraordinária, todos aceitaram o apelo para seguir Cristo sem condescendências.

Independentemente da forma particular que conferimos à nossa vida, a chamada de Jesus ao discipulado é primordial, tudo abrangendo, tudo incluindo, e exigindo um compromisso total. Não podemos ser apenas um bocadinho a favor de Cristo, dar-lhe um pouco de atenção, ou fazer dele apenas uma de entre muitas outras preocupações.

Será possível seguir Cristo ao mesmo tempo que se dá resposta às exigências do mundo, escutar Cristo e prestar igual atenção aos outros,

carregar a cruz de Cristo, ao mesmo tempo que se carrega muitos outros fardos?

Jesus estabelece, certamente, uma distinção muito clara. «*Ninguém pode servir a dois senhores*» (Mt 6,24), insistia Ele, não hesitando em confrontar-nos com as exigências firmes do seu apelo: «*Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida... Quem amar o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim*» (Mt 7,14.10,37).

Estas palavras de desafio não são dirigidas apenas a alguns, mas a todos os discípulos de Jesus. Não se pode considerar uma «vocação especial». É para todos os cristãos e indica a natureza radical do apelo de Jesus. Não existem formas fáceis de seguir a Cristo. Como Ele próprio diz: «*Quem não está comigo, é contra mim*» (Mt 12,30). (pp. 16-19)

### **Movimento ascendente**

A nossa vida, nesta sociedade tecnológica e altamente competitiva, caracteriza-se por um impulso generalizado para o movimento ascendente. É difícil imaginar outro estilo de vida. Toda a nossa vida está orientada a subir na escala do êxito, até à chegada ao topo. A nossa vitalidade tem sentido na medida que subimos na escala social e pela alegria que deriva das recompensas que conseguimos receber ao longo do caminho.

Os nossos pais, professores e amigos inculcam em nós, que a nossa tarefa sagrada é singrar na vida. Ser «homem ou mulher» é mostrar com os factos, não só que conseguimos sobreviver na luta competitiva pelo êxito, mas também saímos dela vitoriosos. O mundo, de várias formas, diz-nos que temos de conquistar o conhecimento e as pessoas; que temos de nos esforçar por alcançar influência e êxito. E até o amor é algo a conquistar ou uma recompensa para os vitoriosos. Assim, a vida é apresentada como uma série de batalhas que podemos ganhar ou perder. Quando ganhamos, significa que nos ajustámos aos ideais do nosso meio, mas, quando perdemos, isso deve-se, obviamente, às nossas próprias falhas.

O mundo está lá para nos dizer que não existe mais ninguém, além de nós próprios, responsável pelos nossos fracassos. Se continuamos a ser incultos, pobres ou desempregados, se temos um casamento infeliz ou filhos que não nos correspondem, a principal razão é, pura e simplesmente, porque não nos esforçámos o suficiente. Fomos preguiçosos, indisciplinados imorais ou apenas estúpidos. Como resultado, a nossa sociedade está cheia de pessoas que sofrem, não só devido ao desemprego ou a uma família destruída, mas também pelos seus sentimentos de culpa e de vergonha.

Não estamos a denegrir a ambição, nem estamos contra o progresso e o êxito. É nossa intenção, afirmar que o verdadeiro crescimento humano é algo diferente do impulso descontrolado para o movimento ascendente. Existe uma diferença profunda entre a falsa ambição de poder e do êxito e o ideal evangélico do amor e do serviço: é a diferença entre tentarmos nós próprios subir, e tentarmos elevar os nossos irmãos.

O problema não está no desejo de desenvolvimento e progresso, individual ou comunitário, mas em fazer do próprio movimento ascendente uma religião. Nesta religião, nós acreditamos que o êxito significa que Deus está connosco, ao passo que o fracasso significa que pecámos. A pergunta, então, será: «Estará Deus a correr ao nosso lado?» Se assim for, então Deus far-nos-á ganhar.

Nós fomos ensinados a conceber o desenvolvimento em termos de um contínuo aumento do potencial humano: ser mais saudáveis, mais fortes, mais inteligentes, mais maduros e mais produtivos. Por conseguinte, escondemos aqueles que não confirmam este mito do progresso, como os idosos, os presos e os que têm deficiências mentais. Na nossa sociedade, consideramos o movimento ascendente o caminho óbvio, ao mesmo tempo que tratamos os pobres que não conseguem acompanhar esse movimento como tristes incompetentes, pessoas que se desviaram da linha de progresso normal.

Quando observamos o panorama dos países ricos, vemos os resultados gritantes e chocantes da idolatria do movimento ascendente. Estamos tão empenhados no objetivo do crescimento e do desenvolvimento contínuos, que não conseguimos imaginar ninguém a ser eleito para um cargo público sem prometer aumentar a riqueza e o poder da nação. Os que apresentam uma ordem de prioridades baseada em valores diferentes estão efetivamente a excluir-se da liderança nacional. Se alguma coisa é certa, é que qualquer nação deseja ser a melhor, a mais forte e a mais poderosa. A atitude «Nós somos o número um» é alimentada com toda a diligência a todos os níveis: tanto ao nível do desporto, como dos negócios, da tecnologia e do poder militar. Além disso, esperamos ter sempre mais daquilo que temos, quer se trate de medalhas de bronze, de prata ou de ouro; computadores, satélites ou laboratórios; ogivas nucleares, mísseis ou submarinos. Foi esta sede de mais que nos fez chegar à beira de uma guerra que não podemos vencer.

### **Movimento descendente**

A história da nossa salvação sobrepõe-se e resiste radicalmente à filosofia do movimento ascendente. O grande paradoxo que nos revela a Escritura

é que a verdadeira e total liberdade só se encontra através do movimento descendente. Jesus, a Palavra eterna de Deus, desceu até nós e viveu no meio de nós, como um servo. A via divina é, de facto, a via descendente.

No centro da fé cristã encontra-se o mistério de Deus que escolheu a submissão sem reservas ao impulso descendente. Deus não só escolheu um povo insignificante para transmitir a Palavra da salvação ao longo dos séculos, não só escolheu um pequeno resto desse povo para cumprir as promessas divinas, não só escolheu uma humilde jovem de uma cidade desconhecida da Galileia para a tornar o templo da Palavra, mas também decidiu manifestar a plenitude do amor divino num homem cuja vida desembocou numa morte humilhante fora das muralhas da cidade.

Este mistério estava tão Profundamente enraizado na mente e no coração dos primeiros cristãos, que eles o cantavam no hino a Cristo: *Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.* (Fl 2,6-8)

Com efeito, o Verbo da Vida, que estava com Deus desde o princípio e que era Deus, revelou-se como uma criança pequena e indefesa; como refugiado no Egipto; como adolescente obediente e adulto discreto; como discípulo penitente do Baptista; como pregador da Galileia, seguido por alguns simples pescadores; como homem que comia com pecadores e conversava com estranhos; como marginal, como criminoso e como ameaça para o seu povo. Passou do poder para a impotência total, da grandeza para a pequenez, do êxito para o fracasso, da força para a fraqueza, da glória para a ignomínia. Toda a vida de Jesus de Nazaré resistiu a qualquer movimento ascendente.

Algumas pessoas queriam fazê-lo rei. Queriam que Ele demonstrasse o seu poder. Queriam participar da sua influência e sentar-se em tronos a seu lado. No entanto, Ele sempre disse «não» a todos esses desejos, apontando antes a via descendente. «O Filho do Homem tem de sofrer... podeis beber o cálice?» Mesmo depois da sua morte, quando os seus discípulos se referiam a Ele como um defensor da liberdade derrotado, dizendo «*Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel*» (Lc 24,21), teve de voltar a recordar-lhes a via descendente: «*Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?*» (Lc 24,26).

Jesus deixa poucas dúvidas de que o caminho que Ele seguiu é o caminho descendente, o mesmo que tem para oferecer aos seus discípulos: «*O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor*»

(Mt 10,24).

Com grande persistência, Jesus aponta o caminho do esvaziamento de si: *«Quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir»* (Mt 20,26-28). O caminho do esvaziamento é o caminho da cruz. *«Quem não tomar a sua cruz para me seguir, não é digno de mim. Aquele que conservar a vida para si, há-de perdê-la; aquele que perder a sua vida por causa de mim, há-de salvá-la»* (Mt 10,39).

O discípulo é aquele que segue Jesus no Seu caminho do esvaziamento, entrando, assim, com Ele na Sua nova vida. O evangelho inverte radicalmente os pressupostos da nossa sociedade em movimento ascendente. É um desafio estranho e perturbador.

Contudo, só depois de termos olhado atentamente nos olhos dos pobres, dos oprimidos e dos marginais, de termos prestado humilde atenção às suas formas de vida, de termos escutado com delicadeza as suas observações e percepções, então, talvez, tenhamos também começado a vislumbrar a verdade de que Jesus falava. É um ver pelos «olhos curados pela graça».

No fundo do nosso coração, todos sabemos que o êxito, a fama, a influência, o poder e o dinheiro não dão alegria e paz interior. Podemos até sentir uma certa inveja daqueles que se despojaram de todas as falsas ambições e encontraram uma realização mais profunda na sua relação com Deus. Sim, na profundidade de nós mesmos, podemos saborear um pouco dessa alegria misteriosa no sorriso daqueles que não têm nada a perder. Começamos, assim, a perceber que o caminho descendente não leva ao Inferno, mas ao Céu. Esta ideia pode ajudar-nos a aceitar o facto de que no Reino de Deus pertence aos pobres (Mt, 5,3) Esta intuição faz-nos desconfiar da via ascendente. A resposta radical de Jesus continua a ser chocante. Estamos muito bem dispostos a dizer que não devemos esquecer os pobres, que devemos partilhar com eles os nossos dons, que devemos renunciar a uma parte dos nossos excedentes em favor daqueles que não conseguiram singrar na vida.

Mas estaremos prontos a confessar que – o que não podemos esquecer os menos afortunados, os que não conseguiram vingar na vida, são, de facto, os bem-aventurados no Reino de Deus? São ele que nos chamam a entrar na via descendente, à semelhança de Jesus. Isto pode parecer bastante deprimente, se não percebermos que seguir Jesus, no caminho do esvaziamento, significa entrar numa nova vida, a vida do Espírito do próprio Jesus.

## **A vida espiritual**

Se o discipulado exige que sigamos Jesus pela via descendente, será isto, verdadeiramente, uma opção humana? Será possível tomar Jesus totalmente a sério? Ou significará, simplesmente, enveredar por um caminho autodestrutivo, e até masoquista? Interrogo-me se, na prática, não teremos respondido já a esta pergunta. Não teremos decidido, de antemão, que Jesus não deve ser tomado à letra, devendo, antes, ser adaptado à nossa via de movimento ascendente?

Não pergunto isto em tom cínico ou moralista. Isso não seria tomar este assunto a sério. Pelo contrário, quero levantar esta questão no contexto da vida espiritual. Se pensarmos que seguir a via descendente está perfeitamente ao nosso alcance, e que a nossa tarefa se reduz simplesmente a imitar Cristo, deturpámos a verdade básica que nos foi revelada.

O caminho do esvaziamento é o caminho de Deus, e não o nosso. Deus é-nos revelado como tal no impulso descendente, porque só Deus é capaz de se esvaziar dos privilégios divinos, tornando-se como nós. O grande mistério sobre o qual se baseia a nossa fé é que, aquele que não é de maneira nenhuma igual a nós, que não pode ser comparado connosco, nem entrar em competição connosco, desceu no meio de nós e assumiu a nossa carne mortal.

Esta expressão de movimento descendente não é natural para nós, pois faz parte da essência da nossa condição decaída e pecadora que, em cada fibra do nosso ser, esteja infundido o espírito de rivalidade e concorrência. Muitas vezes damos connosco - mesmo contra os nossos melhores desejos e juízos - no familiar caminho do movimento ascendente. Mal pensamos que somos humildes, logo começamos a interrogar-nos se seremos mais humildes do que o nosso próximo, e se procuramos à nossa volta aclamações ou recompensas.

O movimento descendente é a via divina, o caminho da cruz, o caminho de Cristo. É precisamente essa a forma divina de viver que o nosso Senhor nos quer dar, mediante o seu Espírito. O caminho do Espírito difere radicalmente do caminho do mundo; é o que está claramente patente nas palavras do apóstolo Paulo dirigidas aos cristãos de Corinto:

*A Sabedoria de Deus, mistério que permanece oculto... nenhum dos chefes deste mundo a conheceu... Está escrito: o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu Deus revelou-nos por meio do Espírito. Pois o Espírito tudo penetra, até as profundidades de Deus... Quanto a nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para podermos*

*conhecer os dons da graça de Deus. E deles falamos com as palavras que o Espírito inspira, falando de realidades espirituais em termos espirituais. (Cf. 1 Cor 2,7-13)*

Estas palavras resumem sucintamente o significado da vida espiritual. Dizem-nos que a vida no Espírito de Cristo, que nos é dado, penetra até às profundidades de Deus, e leva-nos a conhecer, com um novo conhecimento da mente e do coração, o caminho de Deus.

Quando Jesus morreu na cruz, os discípulos experimentaram um sentimento profundo de perda e fracasso. Pensavam que tudo tinha acabado e uniram-se uns aos outros, temendo serem tratados da mesma forma que Jesus foi tratado. Eles não tinham ainda entendido a via descendente de Deus, no entanto, no dia de Pentecostes, o Espírito que Jesus prometera desceu sobre eles, tudo mudou e dissipou os seus medos. O Espírito mostrou-lhes que Jesus dizia a verdade, revelando-lhes a nova via e deu-lhes força para anunciar a todas as nações o caminho da cruz, o caminho do esvaziamento, como o caminho de salvação.

*O próprio Jesus diz-nos quem é o Espírito. Na noite antes da sua morte, Ele disse aos seus discípulos: «Digo-vos a verdade: é melhor para vós que Eu vá, pois, se Eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas, se Eu for, Eu vo-lo enviarei. E, quando Ele vier, dará ao mundo provas irrefutáveis de uma culpa, de uma inocência e de um julgamento: de uma culpa, pois não creram em mim; de uma inocência, pois Eu vou para o Pai, e já não me vereis; de um julgamento, pois o dominador deste mundo ficou condenado. Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender por agora. Quando Ele vier, o Espírito da Verdade, há-de guiar-vos para a Verdade completa. Ele não falará por si próprio, mas há-de dar-vos a conhecer quanto ouvir e anunciar-vos o que há-de vir. Ele há-de manifestar a minha glória, porque receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer. Tudo o que o Pai tem é meu; por isso é que Eu disse: ‘Receberá do que é meu e vo-lo dará a conhecer’.» (Jo 16,7-15)*

Jesus revela-nos que o Espírito é a plenitude do ser de Deus. É a plenitude à qual Jesus chama «a verdade». Quando Ele diz que o Espírito nos conduziu à Verdade completa, quer dizer que o Espírito nos fará participar plenamente da vida divina, uma vida que faz de nós pessoas novas, pessoas que vivem com uma nova mentalidade e num novo tempo: a mentalidade e o tempo de Jesus Cristo.

Pelo Espírito de Cristo e através dele, tornamo-nos Cristos para os outros, vivendo em todos os lugares e em todos os tempos. Pelo Espírito de Cristo

e através dele, chegamos a conhecer tudo aquilo que Jesus conhecia, e somos capazes de fazer tudo o que Ele fez. É esta a grande sabedoria de Deus, a sabedoria que nenhum dos chefes do nosso tempo jamais conheceu, a sabedoria que permaneceu oculta aos sábios e aos inteligentes, mas que foi revelada às simples criancinhas, a sabedoria que chega a nós através do Espírito e que o mesmo Espírito nos leva a transmitir.

O discipulado é a vida do Espírito em nós. Pelo dom do Espírito somos elevados até à própria vida divina, recebemos novos olhos para ver, novos ouvidos para ouvir e novas mãos para tocar. Sendo elevados à própria vida de Deus, somos enviados ao mundo para dar testemunho daquilo que vimos com os nossos olhos, ouvimos com os nossos ouvidos e tocamos com as nossas mãos. É um testemunho da vida da Palavra de Deus em nós.

O caminho da cruz, o movimento descendente de Deus, transforma-se no nosso caminho, não por nós tentarmos imitar Jesus, mas porque somos transformados em Cristos vivos, pela nossa relação com o seu Espírito. A vida espiritual é a vida do Espírito de Cristo em nós, uma vida que nos liberta para sermos fortes embora fracos, para sermos livres embora cativos, para sermos alegres embora sofredores, para sermos ricos embora pobres, para enveredarmos pela via descendente da salvação embora vivamos no seio de uma sociedade que só aprecia o movimento ascendente.

Ainda que esta vida espiritual possa parecer enigmática, intangível e ilusória para nós, que vivemos numa era científica, os seus frutos deixam poucas dúvidas acerca da transformação radical que ela produz em nós. Amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio são, de facto, as qualidades do próprio Senhor, e revelam a Sua presença no meio de um mundo completamente dilacerado pela idolatria, inveja, ambições, irresponsabilidade sexual, guerras e outros pecados (cf. G1 5,19-23). Não é difícil distinguir o movimento ascendente do mundo em que vivemos do movimento descendente de Cristo.

## **2. A TENTAÇÃO: O ENGANO DO MOVIMENTO ASCENDENTE**

A vida espiritual é a vida do Espírito de Cristo dentro de nós e no meio de nós. O Espírito Santo conduz-nos pela via descendente, não para nos fazer sofrer, nem para nos sujeitar à dor e à humilhação, mas para nos ajudar a ver a presença de Deus no meio das nossas lutas. Assim como reconhecemos Deus na via descendente de Cristo, também nos tornaremos conscientes de ser verdadeiramente filhos e filhas de Deus

porque participamos da via descendente, a via da cruz.

Os evangelhos apresentam Jesus, na véspera da sua morte, a explicar aos seus discípulos que o seu ministério só é possível porque eles já não pertencem ao mundo e à sua forma de vida. Na oração sacerdotal que Jesus dirige ao seu Pai, diz o seguinte: «Eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo.»

É esta «não-pertença» que constitui a base da sua missão: *«Não te peço que os retires do mundo, mas que os livres do Maligno... Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os envie ao mundo»* (Jo 17,15-19).

Com estas palavras, Jesus diz-nos que o Espírito pelo qual nós participamos na vida divina é o mesmo Espírito que nos permite estar no mundo sem sermos do mundo.

O mundo, porem, é o lugar por onde o Maligno vagueia. É a morada do tentador que quer arrebatá-nos de Deus e fazer-nos retomar a via do movimento ascendente. Temos de nos confrontar e lidar com este tentador de olhos nos olhos. Assim como Jesus foi enviado pelo Espírito ao deserto para ser tentado, também nós o somos. Pode ser que a verdadeira qualidade da nossa vida espiritual só possa ser reconhecida frente às tentações que suportamos e vencemos.

As três tentações com as quais somos confrontados repetidamente são a tentação de sermos importantes e influentes, a tentação de impressionarmos e a tentação de sermos poderosos. Todas elas nos chamam a regressar às vias do movimento ascendente e a desviar-nos da nossa missão de revelar Cristo ao mundo.

### **A tentação de ser importantes e influentes**

A primeira tentação do diabo a Jesus: a de transformar pedras em pães. É uma a tentação do destaque pessoal, de fazer qualquer coisa de útil para Ele ser apreciado, de fazer da produtividade a base do nosso ministério.

Com que frequência ouvimos estas palavras: «De que serve falar de Deus a pessoas famintas? De que serve proclamar a Boa-Nova a pessoas que não têm alimento, abrigo ou roupa? Aquilo de que precisamos é de pessoas que nos possam oferecer ajuda e apoio reais. Os médicos podem tratar, os advogados podem defender, os banqueiros podem financiar, os assistentes sociais podem reestruturar. Mas, o que tu podes fazer? O que é que tu tens a oferecer?» É o tentador que está a falar! Esta tentação toca o âmago da nossa identidade. Em diversas formas, somos levados a acreditar que somos aquilo que produzimos, o que nos leva a nos

preocuparmos apenas com produtos, com resultados visíveis, com bens tangíveis e progresso.

A tentação da influência pessoal é difícil de sacudir visto que habitualmente não é considerada uma tentação, mas uma chamada. Estamos convencidos de que somos chamados a ser produtivos, bem-sucedidos e eficientes; pessoas cujas palavras e ações mostram que trabalhar pelo Reino de Deus é, no mínimo, uma ocupação tão digna como trabalhar para a General Electric, para a Mobil Oil ou para o governo. Mas isto é ceder à tentação de impressionarmos e sermos respeitáveis aos olhos do mundo.

Quando Jesus foi tentado a transformar pedras em pão, disse ao tentador: *«Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.»* Jesus não negou a importância do pão; relativizou-a, antes, em comparação com o poder que a Palavra de Deus tem de nos alimentar. No livro do Deuteronómio, Moisés diz ao seu povo: *«Javé fez-te passar fome; depois, alimentou-te com esse maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis, para te ensinar que nem só de pão vive o homem; de tudo o que sai da boca do Senhor é que o homem viverá»* (Dt 8,3).

O pão é-nos dado por Deus para que nós nos abandonemos completamente à Sua palavra. As realizações pessoais, a eficiência e a produtividade são dons que podem ser dados àqueles cujo coração se fixa em primeiro lugar no Senhor. Isto não significa os outros devam ser desprezados, mas simplesmente que essa não deve ser a base da nossa identidade como cristãos.

Nós não somos o pão que oferecemos, mas sim pessoas que são alimentadas pela Palavra de Deus e que assim descobrem a sua verdadeira identidade. O desafio radical que nos é lançado é deixar que a Palavra divina nos transforme continuamente em pessoas livres e destemidas para participarmos todos os dias do banquete da sua Palavra e, assim, darmos testemunho da presença de Deus neste mundo, mesmo quando os resultados nos parecem poucos ou invisíveis.

Para sermos cristãos dispostos a acompanhar Cristo no seu caminho de esvaziamento devemos nos desligar constantemente de qualquer necessidade e confiar, de forma cada vez mais profunda, na Palavra de Deus. Assim, resistimos à tentação de sermos influentes, realizando coisas sem importância, mas fiéis à Palavra de Deus, fonte de toda a relevância.

## A tentação de impressionarmos

A segunda tentação com que Jesus é confrontado e nós também, é a tentação de sermos impressionantes. O diabo levou Jesus até à cidade santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e disse-lhe: «*Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: "Dará a teu respeito ordens aos seus anjos; eles suster-te-ão nas suas mãos para que os teus pés não se firam nalguma pedra"*» (Mt 4,5-6).

É esta a tentação de forçar Deus a atender aos nossos pedidos fora do vulgar, de forma sensacional, extraordinária, de que jamais se ouviu falar - e depois obrigar as pessoas a acreditar.

A tentação de fazer coisas impressionantes que seduzam as pessoas, não diminuiu desde a época de Jesus. Chegámos ao ponto de acreditar que uma celebração só tem valor quando tem muitos participantes, que uma manifestação só vale a pena quando as câmaras de televisão estão presentes, que um grupo de estudo só deve ser formado quando há muitos participantes, e que uma Igreja tem êxito quando muitos desejam tornar-se seus membros. É verdade que, na nossa cultura é tão largamente determinada pelas estatísticas, que é fácil acreditarmos que o número de pessoas que escutam, assistem ou participam é uma medida da qualidade daquilo que é apresentado.

Temos dificuldade em acreditar que a salvação tenha vindo a partir do resto de Israel; que uma coisa muito boa possa provir de um lugar desconhecido; que o nosso Deus é um Deus que chegou até nós de forma pouco impressionante, que assumiu a dimensão de servo, que entrou em Jerusalém montado num jumento, e que foi morto como um criminoso comum; ainda, temos mais dificuldade em acreditar que foi um punhado de rudes pescadores que espalharam a Boa-Nova de Deus pelo mundo.

Agimos sempre como se a visibilidade e a notoriedade fossem os principais critérios de valor daquilo que fazemos. Não é fácil agir de outro modo. É verdade que a nossa sociedade é regida por estatísticas: os maiores êxitos de bilheteira, os livros mais vendidos, os carros mais procurados, os atletas que batem recordes. Seriam estes os sinais que temos diante de nós que estabelecem a medida das coisas de que vale realmente a pena. Assim, preocupados com coisas fascinantes, nós, que temos sido espectadores a maior parte da nossa vida, mal podemos conceber que o que é desconhecido, insignificante e oculto possa ter algum valor.

Como é que podemos ultrapassar esta tentação que invade toda a nossa vida? E importante reconhecer que a fome de coisas espetaculares - tal como os nossos desejos evidenciarmos - tem muito a ver com a nossa

procura de identidade. Ser uma pessoa bem vista, apreciada, amada e aceita tem-se tornado escala de valor de muita gente. Quem sou eu, se ninguém me presta atenção, me agradece ou reconhece o meu trabalho?

Quanto mais inseguros, hesitantes e solitários formos, maior será a nossa necessidade de popularidade e apreço. Infelizmente, essa fome nunca será saciada. Quanto mais apreciados somos, mais desejamos sê-lo. A fome de aceitação humana é como um barril sem fundo, que ninguém pode encher: nunca poderá ser satisfeita.

Jesus respondeu ao tentador: «*Não tentarás ao Senhor, teu Deus.*» De facto, a procura de prestígio pessoal é expressão da dúvida que temos sobre a forma plena e incondicional com que Deus nos aceita. Trata-se, de facto, de pôr Deus à prova. É o mesmo que dizer: «Não estou bem certo de que Tu gostas mesmo de mim, de que Tu me amas de facto, de que Tu achas mesmo que eu valho alguma coisa. Vou dar-te a oportunidade de mo demonstrares acalmando os meus medos internos com o apreço humano e aliviando a minha baixa autoestima com aplausos humanos»

O verdadeiro desafio da vida espiritual é regressar ao centro, ao coração, e encontrar aí a voz suave que nos fala e nos confirma de uma forma que nenhuma voz humana alguma vez poderia fazê-lo. A base de todo o ministério é a experiência da aceitação ilimitada e sem limites de nós mesmos como filhos bem-amados, uma aceitação tão plena, tão total e tão abrangente, que nos liberta da necessidade compulsiva de sermos vistos, apreciados e admirados, que nos liberta para Cristo, que nos conduz pelo caminho do serviço.

Esta experiência da aceitação de Deus liberta-nos do nosso eu carente, criando dentro de nós, um novo espaço aberto onde podemos prestar uma atenção desinteressada aos outros. Esta nova liberdade em Cristo permite que nos movimentemos no mundo sem as inibições e que possamos agir de forma criativa, mesmo quando se riem de nós e somos rejeitados, mesmo quando as nossas palavras e ações nos conduzem à morte. Através de uma vida disciplinada de oração contemplativa, podemos lentamente perceber o amor original de Deus, um amor que já existia antes de nós, antes de nos conhecermos, antes de nos amarmos e antes de recebermos qualquer outro amor humano. Diz o apóstolo João: «*O amor vem de Deus... pois Deus é amor. Nós amamos, porque Deus nos amou primeiro*» (1Jo 4,7-8.19).

A oração contemplativa conduz-nos ao Primeiro Amor, ao Amor pelo qual nós recebemos o nosso verdadeiro eu. O nosso valor não depende dos votos que recebemos; mas daquilo que Deus fez de nós, no amor: filhos da luz, filhos de Deus. Só uma vida de contínua comunhão com Deus pode

revelar-nos a nossa verdadeira identidade; uma vida que nos pode libertar para agirmos segundo a verdade e não segundo a nossa necessidade de sermos reconhecidos e de eventos espetaculares.

Isto está longe de ser fácil. Requer-se uma disciplina séria e perseverante de solidão, silêncio e oração. Uma disciplina espiritual que nos recompensará não com o brilho exterior do êxito, mas com a luz interior que ilumina todo o nosso ser, e que nos permite ser testemunhas livres e desinibidas da presença de Deus nas nossas Vidas.

### **A tentação de ser poderoso, forte**

A terceira e mais sedutora tentação de Jesus foi a tentação do poder. O diabo mostrou a Jesus todos os reinos do mundo e o seu esplendor, dizendo: «*Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares*» (Mt 4,8-9).

Provavelmente não haverá outra cultura como a nossa em que as pessoas sejam tão estimuladas a procurar o poder de forma tão desavergonhada. A partir do momento em que iniciamos a nossa ascensão em direção ao topo, nos vamos convencendo de que lutar pelo poder possa servir para alguma coisa. Esta falácia está tão profundamente entranhada na nossa forma de viver, que não hesitamos em tentar chegar a posições influentes, convictos de que o fazemos para bem do Reino de Deus.

Parece-nos quase impossível acreditar que algum bem possa provir da impotência total. A sociedade é feita por pessoas que singraram na vida à custa de esforço, é normal ser louvados. Desde crianças, que entramos na escola, entrarmos no mundo competitivo e não podemos imaginar que possa derivar algum bem da desistência do poder, ou até da falta de desejo do mesmo. A convicção que impregna toda a sociedade é que o poder é um bem e que aqueles que o possuem só podem desejar ter ainda mais poder.

O poder pode assumir diversas formas: dinheiro, contactos, fama, capacidade intelectual, aptidões humanas. São estas, formas de alcançar um certo sentido de segurança e de controlo, de reforçar a ilusão de que poderemos dispor da nossa vida segundo a nossa vontade. É, portanto, bastante compreensível, que tanto a nível pessoal, como nacional e internacional, seja sempre o poder que está em jogo.

Não existe quase nada mais difícil de ultrapassar do que o desejo de poder. Poder que cobiça sempre um poder maior, precisamente por ser uma ilusão. Apesar que a nossa experiência diz que o poder não transmite aquela sensação de segurança que desejamos, antes, revela-nos, o contrário; as nossas debilidades e limitações, continuamos a convencer-

nos de que um poder maior acabará por satisfazer as nossas necessidades. O resultado é uma espiral crescente de desejo de poder, ao lado de uma espiral crescente de sentimentos de fragilidade.

A escalada aos armamentos constitui um dos mais dramáticos exemplos desta realidade. Quanto mais armas temos, tanto mais ficamos presos, pois diminui a nossa liberdade de movimento. Deste modo, a América tornou-se, em termos de poder, «muscularmente» paralisada. Apresenta-se e comporta-se como um atleta que desenvolveu os seus músculos a tal ponto, que já não consegue mexer-se.

Cercados por tanto poder, é muito difícil evitarmos ceder à tentação de procurar poder, como toda a gente. No entanto, o mistério do nosso ministério é sermos chamados a servir, não com o nosso poder, mas com a nossa impotência. É através da nossa impotência que poderemos entrar em solidariedade com os seres humanos, nossos irmãos, formando uma comunidade com os fracos, e revelando assim a misericórdia de Deus que cura, guia e nos sustém.

Não somos chamados a tocar nos pontos fortes das pessoas, mas na fragilidade da consciência da própria dor; não naquilo que podem ter sob controlo, mas naquilo que os torna amedrontadas e inseguros; não na sua autoconfiança e assertividade, mas naquilo em que se atrevam a duvidar e a levantar questões difíceis; em suma, não onde vivem na ilusão da imortalidade, mas naquilo em que estão dispostas a confrontar-se com a sua humanidade decaída, frágil e mortal. Como seguidores de Cristo, somos enviados ao mundo nus, vulneráveis e fracos, assim, podemos alcançar os outros homens, nossos irmãos, na sua dor e agonia, e revelar-lhes o poder do amor de Deus, transmitindo-lhes o poder do Espírito de Deus.

Jesus respondeu à tentação do poder com as seguintes palavras: «*Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele prestarás culto*». Estas palavras recordam-nos que só a atenção total que prestamos a Deus pode tornar possível um ministério impotente. Na medida em que dividimos o nosso tempo e energia entre Deus e os outros, descobrimos que todo o serviço alheio a Deus se transforma em busca de nós mesmos; num serviço egocêntrico que nos leva à manipulação, e a manipulação aos jogos de poder, os jogos de poder à violência e a violência à destruição - mesmo que isso seja rotulado como senso um serviço.

O verdadeiro desafio é o seguinte: fazer do nosso serviço ao próximo, uma manifestação e celebração do nosso serviço total e indiviso a Deus. Só quando o nosso serviço tem a sua fonte e meta em Deus, podemos ser libertos do desejo de poder e servir o próximo com verdadeiro amor.

Jesus falou do grande mistério do espírito de serviço, quando disse aos seus discípulos: *«Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai»* (Jo 15,15).

Jesus junta serviço e amizade porque servindo a Deus encontramos o nosso verdadeiro eu, que não precisa de afirmações sociais, mas é livre para prestar um ministério impotente.

As tentações de sermos importantes e poderosos e impressionarmos os outros, são poderosas e permanecem connosco durante toda a nossa vida. São fortes porque incidem diretamente sobre o nosso desejo de nos juntarmos aos outros na via do movimento ascendente.

No entanto, quando conseguimos reconhecer essas tentações sedutoras que nos mantêm agarrados às ilusões do nosso falso eu, podem transformar-se em convites a procurar o verdadeiro eu, que está escondido com Cristo em Deus. Quando somos capazes de servir os homens nossos irmãos e a nossa vida se mantém inalterável, mesmo se poucas pessoas nos manifestam o seu apreço, quando temos pouco ou nenhum poder, acabamos por nos conhecer, tal como Deus nos conhece, como filhos e filhas amados.

Como filhos amados, não pertencemos ao mundo, mas a Deus. Seremos sempre tentados, de uma forma ou de outra, a procurar o nosso velho eu, a regressar ao Egito e a rejeitar a loucura da cruz, mas como verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, podemos nos opor ao tentador: *«Afasta-te, Satanás... só ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás»*

### **3. UM CORAÇÃO ESVASIADO DE SI PRÓPRIO:**

#### **A DISCIPLINA DA FORMAÇÃO ESPIRITUAL**

A nossa vocação como cristãos consiste em seguir Jesus na sua via descendente e nos tornarmos testemunhas da compaixão de Deus na situação concreta do tempo e lugar em que vivemos. A nossa tentação será sempre a necessidade de êxito, de visibilidade e de influência que podem dominar os nossos pensamentos, palavras e ações, a tal ponto que fiquemos enredados na espiral destrutiva do movimento ascendente, perdendo assim a nossa verdadeira vocação. Esta tensão sempre presente entre vocação e tentação revela a nossa necessidade de formação espiritual porque o movimento descendente do caminho da cruz não pode depender das nossas respostas espontâneas, é que sempre somos confrontados com a pergunta: *«Como podemos moldar a nossa mente e o nosso coração de acordo com a mente e o coração de Cristo, no seu auto-esvaziamento?»*

Seguir a Cristo implica estarmos dispostos e decididos a deixar que o Espírito de Deus invada todos os recantos da nossa mente e do nosso coração, transformando-nos assim em outros Cristos. Formação é transformação, é uma crescente conformidade com a mente de Cristo, que não se agarrou à sua igualdade com Deus, mas se esvaziou a si mesmo, assumindo a condição de servo.

O discipulado não pode ser realizado sem disciplina. Uma disciplina espiritual que não tem nada a ver com a disciplina do atletismo, do estudo acadêmico ou da formação profissional, em que alcançamos uma boa formação física, adquirimos novos conhecimentos ou aprendemos a dominar o corpo e a mente. A disciplina do cristão não consiste em dominar, mas em deixar-se dominar pelo Espírito. É um esforço humano afim de criar espaço ao Espírito de Cristo para sermos doces às Suas inspirações.

Gostaria de chamar a atenção para três disciplinas, mediante as quais, a formação espiritual tem lugar. São a disciplina da Igreja, a disciplina do Livro e a disciplina do coração.

#### **A disciplina da Igreja**

A disciplina da Igreja é a disciplina pela qual nos mantemos em contacto com a verdadeira história de Deus na História da humanidade. Uma forma de definir a vida espiritual é a seguinte: ver a nossa como uma vida na qual continuamos a estabelecer ligações entre a história de Deus e a nossa.

Sem o Espírito, as nossas vidas seguem o movimento ascendente,

continuam a ser vidas plenas, mas não realizadas, porque as nossas Inúmeras histórias competem umas com as outras em busca de atenção. Sem o Espírito, as nossas vidas são super-ocupadas, em que os inúmeros acontecimentos de cada dia são senão uma série de incidentes casuais. Sem o Espírito, as nossas vidas continuam a ser vidas rotineiras. Com o Espírito, porém, tudo o que acontece no dia-a-dia, semana a semana, ano a ano, pode ser conhecido e experimentado como manifestações concretas de Cristo-acontecendo no tempo e no espaço.

A disciplina da Igreja é a disciplina pela qual nós, como um povo, representamos o Cristo vivo, no tempo e no espaço. Este Cristo vivo não é apenas uma pessoa, mas um acontecimento. Cristo é Aquele que nasceu, viveu, morreu e ressuscitou, e que nos enviou o Espírito. Cristo é Deus a agir na história humana. É este mistério de Cristo que acontece e se torna visível na disciplina litúrgica da Igreja.

A liturgia é a celebração do Cristo-acontecimento feita pelo povo de Deus. É a manifestação d'Aquele que está realmente vivo e acontece na história humana: Cristo que vive em nós; que nasce, vive, sofre, morre e ressuscita em nós. É Cristo que nos envia o seu Espírito, fazendo-nos entrar em comunhão uns com os outros. As celebrações litúrgicas nas quadras do Natal, da Páscoa e do Pentecostes, e os respetivos períodos de preparação, manifestam a plenitude de Cristo, como acontecimento do qual nos tornámos participantes.

A primeira e mais essencial disciplina da nossa formação espiritual é, portanto, aquela disciplina pela qual nós, povo de Deus, criamos espaço no meio das circunstâncias humanas, para apresentarmos o Cristo que está vivo em nós. Ele é o acontecimento verdadeiro. A Igreja é primeiro e principal diretor espiritual. Ela não só nos ensina, mas também realiza, na sua disciplina litúrgica o Mistério de Cristo, como acontecimento sempre atual. No Advento é Cristo está a vir; no Natal é Cristo que está a nascer; na Quaresma é Cristo está a sofrer; na Semana Santa, é Cristo que está a morrer; na Páscoa é Cristo está a ressuscitar; e no Pentecostes, Cristo que está a enviar o seu Espírito. Na liturgia é Cristo que está verdadeiramente a acontecer! Todos os outros acontecimentos pessoais, sociais ou políticos - vão buscar o seu significado no Cristo-acontecimento.

Assim como, só chegamos a conhecer o nosso verdadeiro eu deixando-nos conhecer em Cristo e através dele, também só poderemos chegar a conhecer os verdadeiros acontecimentos do nosso tempo em Cristo-acontecimento e através dele. A nossa verdadeira história revela-se mediante a história de Cristo. A história de Cristo não é, só «a maior história alguma vez contada», mas a única história. É a história através da qual todas as outras histórias recebem o seu mais profundo significado. A

história de Cristo torna, portanto, a história real.

A atenção à presença de Cristo na nossa própria história pessoal só poderá permanecer livre da autoilusão quando nós nos mantivermos atentos à presença de Cristo na vida diária da Igreja. Só quando permitirmos que o Cristo-acontecimento total, preparado no Antigo Testamento, realizado no Novo e celebrado na Igreja, comunidade cristã; só quando deixarmos que Cristo-acontecimento se torne o fundamento da nossa vida, é que poderemos estabelecer ligações pelas quais seremos curados e receberemos uma nova vida.

### **A disciplina do Livro**

A segunda disciplina, pela qual somos moldados com Cristo é a disciplina do Livro. Ler as Escrituras é essencial para quem quer seguir Cristo pela via do movimento descendente. Embora a Igreja apresente a Palavra de Deus em cada dia, nós precisamos de escutar essa Palavra na intimidade da nossa própria casa, e deixar que nos fale até aos recantos mais ocultos do nosso ser.

Cristo é a Palavra de Deus que se fez carne por nós. Através da disciplina do Livro, a Palavra de Deus pode continuar a encarnar-se em nós. Ler as Escrituras como a mais íntima palavra de Deus para nós é, assim, a realização da encarnação na realidade concreta da nossa vida presente.

Trata-se de uma verdadeira disciplina porque, quando lemos as Escrituras, não é para recebermos algumas informações ou instruções, para nos sentirmos edificados ou inspirados, ou - o que não é raro - para encontrar alguma citação que apoie as nossas próprias ideias. Se assim for, o Livro Sagrado torna-se um livro entre outros livros, sendo muitas vezes utilizado só dessa forma, assim como Jesus se tornou um ser humano entre outros seres humanos, sendo muitas vezes tratado apenas como ser humano. Tal como Jesus é o Filho de Deus, as Sagradas Escrituras são a Palavra de Deus. Palavra de Deus que nos transforma em Cristos vivos, uma transformação que ultrapassa, e de muito, a informação, a instrução, a edificação ou a inspiração. Essa formação, ou transformação, requer que comamos a Palavra, mastigando-a, digerindo-a e deixando assim que ela se torne para nós verdadeiro alimento. Assim, a Palavra desce da nossa mente para o coração, encontrando aí um lugar onde habitar.

A meditação é isto mesmo. É a disciplina que da atenção interior à Palavra. Entre os muitos textos que a Igreja nos apresenta todos os dias, pode haver uma palavra, uma história, uma parábola ou uma frase que tem o poder de provocar uma transformação, uma mudança na nossa vida, que nos dá um novo coração e uma nova mentalidade, para nos

conformarmos a Cristo.

A meditação, é muito mais do que pensar nas palavras da Escritura, é muito mais do que tentar compreender as parábolas ou analisar termos complicados: é a disponibilidade interior crescente à Palavra, permitindo que ela nos guie, que abra o caminho e dissipe os nossos medos, e que habite dentro de nós. A verdadeira meditação será, portanto, deixar que a Palavra encarne em nós.

Pela encarnação da Palavra em nós, entramos na vida eterna: *«O céu e a terra passarão», diz Jesus, «mas as minhas palavras nunca passarão»*. Jesus é a Palavra, e as suas palavras de vida eterna, da vida que nunca acaba. A Palavra é o pão que mata a nossa fome, a luz que dissipa as nossas trevas e a vida que nos permite enfrentar a morte sem medo.

Não estou a falar em sentido figurado. Não estou a dizer apenas que a Palavra seja como pão, luz ou vida. Não, a Palavra, como palavra de Deus para nós, é um acontecimento sacramental, é Cristo-Palavra que se torna presente e nos transforma n'Ele. Só quando nos colocamos diante da Escritura como sacramento da Palavra é que podemos entender plenamente o significado da meditação.

Isto tem implicações concretas para a nossa vida quotidiana. Mostra-nos o verdadeiro significado da leitura e do estudo. Assim como há apenas uma história a partir da qual todas as outras histórias recebem o seu sentido, também há apenas um livro a partir do qual todos os outros livros recebem o seu significado. Assim, a leitura da Escritura deve ser a base de todos os outros tipos de leitura. Toda a nossa leitura - quer devocional, quer académica ou recreativa - deve permanecer sempre intimamente ligada à Palavra criativa e re-criativa de Deus. Para aqueles que vivem *«de toda a palavra que sai da boca de Deus»* (Mt 4,4), não existe literatura secular.

Cercados por tantos livros, afastámo-nos bastante da disciplina do Livro. A leitura e o estudo fazem parte das nossas tentativas de sermos importantes, sedutores e poderosos. Neste sentido, a própria leitura da Escritura pode tornar-se perigosa para a nossa vida espiritual. As discussões acerca da Palavra de Deus não nos aproximam de Deus, mas tornam-se instrumentos de Satanás. Como bem sabemos, o próprio Satanás cita passagens da Bíblia, sabendo bastante bem como aplicá-las, para nos conduzir ao largo caminho que conduz à perdição (Mt 7,13).

## A disciplina do coração

A terceira disciplina, que nos conduz ao caminho do verdadeiro discipulado e nos defende das tentações do movimento ascendente, é a disciplina do coração. A disciplina do coração é a disciplina da oração pessoal. No contexto da vida litúrgica da Igreja apoia-se na meditação contínua da Palavra de Deus; a oração pessoal conduz-nos não só ao nosso próprio coração, mas ao coração de Deus.

A disciplina do coração será provavelmente aquela de que desistimos com maior facilidade. Entrar na solidão do nosso quarto e aí permanecermos na presença do nosso Deus, sem nada mais do que a nossa própria nudez, vulnerabilidade e condição de pecadores, requer um empenhamento profundo. A oração pessoal não é recompensada com aclamações, nem se traduz em projetos úteis, e só raramente conduz à uma experiência íntima de paz e alegria. Contudo, é a verdadeira prova da nossa vocação.

Para nós, ativistas natos, a disciplina do coração, mediante a qual nos despojamos de todos os nossos andaimes e gritamos, na nossa miséria, ao Deus da misericórdia e da compaixão, é uma disciplina de purificação. Se nós desejamos de facto ver a Deus, e Vê-Lo mediante o Cristo humilhado, que vive no meio de nós, e se queremos de facto seguir Cristo aonde quer que Ele nos conduza, precisamos de ter um coração puro, um coração livre de «tens de» e dos «deves» do nosso mundo.

*Diz Jesus: «Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te» (Mt 6,5-6). Para nos tornarmos verdadeiramente homens e mulheres que temos a nossa identidade escondida em Deus, precisamos de ter a coragem de entrar de mãos vazias no lugar da solidão.*

Isto não tem nada de romântico. Se tomarmos a sério a disciplina do coração, teremos de começar por reservar um tempo e um lugar em que possamos estar a sós com Deus, não de vez em quando, mas regularmente. Temos de olhar para a nossa agenda e reservar tempo para a oração pessoal, a fim de podermos dizer com sinceridade e sem hesitações àqueles que quiserem estar connosco nesse momento: «Peço desculpa, mas já tenho um encontro marcado para essa hora e não posso adiá-lo.»

Para a maioria de nós é muito difícil «desperdiçar» uma hora com Deus. É difícil precisamente porque, confrontando-nos a sós com Ele, estamos

também a confrontar-nos com o nosso caos interior. Entramos em confronto direto com as nossas inquietações, ansiedades, ressentimentos, tensões, animosidades ocultas e frustrações de longa data. A nossa reação espontânea é fugir, arranjar novas ocupações, tentando pelo menos acreditar que as coisas não estão tão mal como nos parecem nos momentos de solidão.

A verdade é que as coisas estão mal, ainda piores do que parecem. É este doloroso despojamento do velho eu, este abandono de todos os nossos habituais apoios, que nos permite gritar pela misericórdia incondicional de Deus. Quando não fugimos, cheios de medo, mas mantemos pacientemente as nossas lutas, o espaço exterior de solidão transforma-se gradualmente em espaço interior, num espaço dentro do nosso coração onde chegamos a conhecer a presença do Espírito que já nos foi dado. Na solidão do coração podemos escutar as nossas interrogações e crescer gradualmente, sem sequer darmos por isso, até chegar à resposta.

A disciplina do coração é a disciplina pela qual criamos esse espaço interior em que o Espírito de Deus pode gritar dentro de nós «Abba Pai» (cf. Rom 8,15). Assim, mediante a disciplina do coração, chegamos ao coração de Deus. E quando conseguimos ouvir os batimentos do Seu coração na intimidade da nossa oração, percebemos que o Coração de Deus abraça todos os sofrimentos do mundo. Acabamos por perceber que, graças a Jesus Cristo, esses fardos se tornam uma carga leve que somos convidados a carregar.

A oração conduz-nos sempre ao Coração de Deus, e, ao mesmo tempo, ao coração da luta humana. É no coração de Deus que acabamos por compreender a verdadeira natureza do sofrimento humano, e que acabamos por conhecer a nossa missão de aliviar esse sofrimento, não em nosso próprio nome, mas em nome d'Aquele que sofreu e que, através do seu sofrimento, venceu o mal.

A disciplina do coração tem as suas próprias dificuldades específicas. Existe a tentação de começarmos a desejar ter revelações e sensações pessoais. Existe também o problema de não sabermos se estamos a ouvir Deus ou apenas a nossa própria agitação. Há a questão de sabermos como discernir a direção em que o Espírito nos quer conduzir. No entanto, antes e acima de todas estas dificuldades especiais, há a simples dificuldade de ser fiel à própria disciplina. Tudo isto sugere que poderá ser de grande ajuda termos um diretor espiritual pessoal, sobretudo quando ainda é recente a nossa decisão de tomar a nossa vida espiritual a sério.

Um diretor espiritual é um cristão como nós, que escolhemos para se responsabilizar pela disciplina do nosso coração, e de quem podemos

esperar um firme empenhamento em rezar por nós. O simples facto de termos de revelar a outro cristão, com uma certa regularidade, o estado da nossa vida de oração pessoal, e o simples conhecimento de que ele nos está a elevar até Deus com grande amor e carinho, pode fazer toda a diferença no nosso desenvolvimento espiritual.

Com alguém ao nosso lado, que nos anima e encoraje a entrar de forma mais profunda no coração de Deus através do nosso próprio coração, também estaremos mais livres para acompanhar os outros na sua dor e para descobrir com eles a presença entre nós do Deus que cura. Assim, a disciplina do coração conduz-nos ao longo do caminho da compaixão, ou seja, da via descendente, que é o caminho estreito que conduz a vida (cf. Mt 7,13).

## **CONCLUSÃO**

Vocação, tentação e formação foram as três palavras centrais destas reflexões sobre a relação íntima entre ministério e vida espiritual. Somos chamados a seguir Cristo pela via do movimento descendente, mas somos tentados a escolher o caminho largo do êxito, da fama e da influência, e desafiados a sujeitar-nos a disciplinas espirituais, a fim de nos conformarmos gradualmente com a imagem de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Vocação, tentação e formação constituem desafios para a vida. Somos chamados, não só uma vez, mas dia sim, dia não, e nunca saberemos ao certo para onde seremos conduzidos. Somos tentados a cada momento do nosso dia e da nossa noite, e nunca saberemos com precisão onde é que os demónios vão aparecer. Esta tensão permanente entre vocação e tentação abre-nos à difícil, mas prometedora tarefa de escutar a Igreja, o Livro e o nosso próprio coração, descobrindo assim a presença real do Espírito de Deus dentro e no meio de nós.

A nossa luta nunca terminará. Mas, se perseverarmos com esperança, coragem e confiança, acabaremos por perceber plenamente, no nosso ser mais profundo, que seguindo o caminho do esvaziamento de Cristo, entraremos com Ele na sua glória. Sintamo-nos, portanto, gratos pela nossa vocação, resistamos à tentação e empenhemo-nos a todo o momento numa vida de formação contínua.